

Mídias e Relações Interpessoais: As Consequências das Formas de Comunicação Atual

Media and Interpersonal Relations: the Consequences of Current Communication Forms

Maria Gabriela Reis Barbosa[†], Patrícia Aparecida Alves da Cruz[†], Fátima Niemeyer da Rocha[§]

Como citar esse artigo. BARBOSA, M.G.R.; DA CRUZ, P.A.A.; DA ROCHA, F.N. Mídias e Relações Interpessoais: As Consequências das Formas de Comunicação Atual. *Revista Mosaico*, v.11, n.1, p. 18-24, 2020.

Resumo

O estudo teve por objetivo apresentar uma revisão da literatura especializada acerca das influências que a tecnologia trouxe para as relações interpessoais na atualidade, especialmente as midiáticas, ou seja, mediadas pelas mídias, com o advento do capitalismo, alterando a maneira com que as pessoas se relacionam. Utilizou-se a teoria da Modernidade Líquida, de Bauman, para exemplificar a interferência da tecnologia na forma das interações que se estabelecem entre as pessoas na contemporaneidade. Buscou-se refletir sobre os vínculos descartáveis que, principalmente, as redes sociais possibilitam se estabelecer entre os sujeitos em seus relacionamentos. Dessa forma, verificou-se que estas influenciam e/ou alteram a maneira com que as pessoas constroem e mantêm as suas relações pessoais, em que os vínculos se tornam instáveis, assumindo uma liquidez que os caracteriza como fugazes, sem consistência e facilmente desfeitos.

Palavras-chave: Modernidade e Tecnologia. Relações. Individualização. Mundo Líquido. Capitalismo.

Abstract

The study aimed to present a review of the specialized literature about the influences that technology has brought to interpersonal relations today, especially the media, that is, mediated by the media, with the advent of capitalism, changing the way people are relate. Bauman's theory of Liquid Modernity was used to exemplify the interference of technology in the form of the interactions that are established between people in contemporary times. We sought to reflect on the disposable bonds that, mainly, social networks make it possible to establish among the subjects in their relationships. Thus, it was found that these influence and/or change the way people build and maintain their personal relationships, in which the bonds become unstable, assuming a liquidity that characterizes them as fleeting, without consistency and easily undone.

Keywords: Modernity and Technology. Relations. Individualization. Liquid World. Capitalism.

Introdução

A liquidez dos relacionamentos atuais e o sentido de viver, têm sido questões muito abordadas, tanto nos *settings* acadêmicos e profissionais, quanto nos discursos cotidianos e nos encontros informais, mostrando ser algo que tem preocupado as pessoas atualmente e, portanto, despertando extremo interesse. Neste contexto, Silva e Silva (2019) discutem a respeito da influência do mercado capitalista nas relações do mundo atualmente, em que o sistema afrouxa as relações e, para suprir as necessidades, lança mão do consumo para preencher de imediato as carências humanas.

Vivemos em um mundo onde a insegurança influencia a vida em sociedade, que ocasiona o afastamento cada vez maior das pessoas umas das

outras, contribuindo assim para a perda da empatia pelo próximo, o que leva, assim, o indivíduo a não se afligir diante de questões que possam atingir a outros, isto é, a custo de quem conhecemos ou, mais distante, a quem não conhecemos. Silva e Silva (2019) relatam que um dos motivos que contribuíram para este processo foi a tecnologia, com o “maciço” uso de redes sociais para mediar as relações sociovirtuais pessoais e coletivas. Em seu trabalho, utilizaram bases teóricas do pensador, sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman, levando em consideração os estudos feitos sobre os atuais tempos líquidos.

Neste sentido, o referencial teórico principal deste estudo abrange a teoria da Modernidade Líquida, de Zygmunt Bauman, e seus comentadores. Segundo Bauman (2001), as relações líquidas se dão através dos vínculos descartáveis que os seres humanos estabelecem

Afiliação dos autores:

[†] Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

[§] Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicologia da Universidade de Vassouras, Vassouras, RJ, Brasil

* Email de correspondência: psi.patriciacruz@gmail.com

Recebido em: 04/04/20. Aceito em: 11/05/20.

na atualidade, principalmente através das redes sociais, em que muitos serão rapidamente desfeitos. Como resultado disto, na mesma intensidade com que a comunicação nos aproxima, também nos afasta. Estamos em uma era de liquidez, onde relacionamentos são desfeitos com apenas “um *click*”, por qualquer motivo, sendo que, muitas vezes, por falta de uma boa interpretação do que é comunicado.

Buscou-se com essas contribuições teóricas refletir a respeito das relações descartáveis da atualidade, com o intuito de identificar de que forma tal processo está nos afetando, e também para vislumbrar quais serão as consequências e qual é o sentido que temos dado a nossa vida, com o advento da tecnologia, nos dias atuais.

Alguns aspectos históricos das relações humanas

Em cada época, conforme Vaz (1991), a medida em que ocorrem as transformações sociais, por mudanças no *zeitgeist*, altera-se de forma concomitante a maneira de viver, de se relacionar e as concepções sobre os paradigmas e verdades, que são assumidos como imutáveis, únicos, universais e atemporais. Assim, no decurso da Pré-Modernidade o ser humano tinha a existência sustentada pela religiosidade, pautando o real naquilo que transcende, no divino e exterior ao seu ser.

De acordo com Braga (2010, p. 13):

[...]a síntese mais bem-sucedida da antropologia medieval pode ser encontrada no pensamento de Sto. Tomás de Aquino, que tem por base três coordenadas, a saber: ‘a concepção clássica do homem como ser racional; a concepção neoplatônica do homem na hierarquia dos seres, como ser fronteiro entre o espiritual e o corporal; a concepção bíblica do homem como criatura, imagem e semelhança de Deus.

Ainda conforme Braga (2010), no tempo moderno é mudada a forma de pensamento, de existir e do que é real; Deus, que era antes considerado um ser transcendente e cósmico, superior e exterior aquilo que é de ordem humana, passa a ser visto como causa imanente, onde todas as coisas estão nele e nada existe fora dele. Tal transformação sugere a separação dos conhecimentos objetivos, que são mediados por experiências limitadas pela sensibilidade humana, do conhecimento do que é divino. No entanto, com o avanço da ciência, e uma melhor compreensão sobre os fenômenos científicos, emerge a concepção da morte de Deus. Resta, neste momento, como certeza apenas o valor absoluto da verdade, resultando na horizontalidade nas relações.

Segundo Braga (2010), a transição da modernidade industrial para a hipermodernidade globalizada, causou mudanças de pensamentos e formas de existir, trazendo para a humanidade benefícios de poder escolher, já que

o que antes era algo territorialista e familiar, em que se encaixar em um grupo era a tarefa quase que obrigatória, pautada pela moralidade, a custo muitas vezes de sacrifícios pessoais e anulação de si, torna-se algo movido pelo romantismo, em busca das identificações pessoais, formando-se grupos e sistematizando os laços.

Contudo, Glasenapp e Volpi (2017) descrevem que essa autonomia trouxe também a individualização, visto que já não existiria uma obrigatoriedade em manter qualquer laço, transformando os valores do presente momento, trazendo consigo o avanço do capitalismo, movido por meio da tecnologia, da informatização e das mídias, que objetiva preencher um lugar através do consumo.

As mídias e as relações entre as pessoas – a influência do capitalismo

Para compreender a influência das mídias nas relações contemporâneas, faz-se necessário elucidar por qual objetivo foram criadas, o meio pelo qual são adquiridas e seu principal objetivo de uso: o capital!

Conforme Mocellim (2007) a moeda desempenha um papel central nas relações modernas e na maneira de viver atualmente, sendo ela a força que as media, aproxima e que estabelece vínculos comerciais. É a linguagem universal deste tempo globalizado, pois tudo passa a ser influenciado pela lógica do cálculo e do valor, em que podendo pagar é possível obter. Mas, ao mesmo tempo, o capital afrouxa as ligações afetivas, pois as relações tornam-se normatizadas, instrumentais e impessoais, pois é o dinheiro quem agora assume o papel central.

Mocellim (2007) salienta ainda que a visão vai além, quando argumenta que a centralidade das vinculações modernas não é somente o dinheiro, mas sim a possibilidade de usá-lo: “Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência universal das compras – é a condição ‘sine qua non’ de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de ‘ter identidade’.

Silva e Silva (2019) ressaltam que essa centralidade aflui para dois caminhos distintos: o que procura equiparar e ressarcir através de relações sociais extensivas em condições de igualdade e o outro que procura ressaltar o individualismo, a libertação da dependência de outros. É o capital quem permite trilhar essas direções ambíguas: universais e individualistas. Essa ambiguidade oferecida pelo capital, conforme o autor supracitado, é uma possibilidade de fuga para possíveis consequências da liquidez que surge pelo próprio advento capitalista, em que relações cada vez mais frágeis e menos duradouras não podem ser consideradas como portos seguros ou como local

de permanência. Por tais condições culturalmente fabricadas segundo o *zeitgeist* atual, as pessoas não devem expressar suas necessidades emocionais de pertencimento e estabilidade e é reforçada a ideia de proteger e cuidar cada um de si mesmo.

Braga (2010) elucida que a sociedade moderna apoia e reverencia os prazeres imediatos advindos das mais diversas formas de consumo, moldados pela lógica de mercado atual, tanto no que diz respeito a ordem social, quanto aquilo que é oriundo do âmbito pessoal. Por esse motivo, passam a ser raras as relações duradouras e compromissadas. Os momentos são vistos como pequenas eternidades, já que a ideia de vínculo duradouro é essencial para as relações humanas. Porém, com a vinda da rotina, os bens de consumo relacionais e materiais passam a ser vistos como frios, monótonos, sem graça e ultrapassados.

Mas essa forma de pensar deixa lacunas abertas no âmbito emocional humano, e a proposta do sistema capitalista para preenchê-las, mesmo que temporariamente, quase que de forma instantânea, é consumindo. O que antes acontecia através do exercício da fé, depois pela acumulação de dinheiro, agora é movido pela possibilidade de gastar (SILVA e SILVA, 2019).

Mocellin (2007, p. 111) discorre sobre o tema mostrando o pensamento de alguns autores:

Simmel sugere que a posse do dinheiro seria o modo moderno de obter a sensação de conforto obtida, anteriormente, através da religião. Para Bauman, hoje, a posse do dinheiro já não é tão confortável como o seu gasto. Podemos, pensando através desses autores, chegar a conclusão que, se até pouco tempo a posse do dinheiro era confortável – era mesmo uma dádiva de Deus, trazia conforto por ser resultado de uma dádiva divina pelo trabalho na terra (WEBER, 2004a) – hoje parece que o conforto já não é a maior e mais importante sensação proporcionada pelo dinheiro. Se concordarmos com Bauman, podemos dizer que o conforto da posse de dinheiro foi substituído pelo prazer de seu gasto. É lógico, no entanto, que para consumir é necessário ter dinheiro, mas, o crucial aqui é que a predominância do prazer pelo consumo em detrimento do conforto da posse faz da posse mesma irrelevante.

Tal preenchimento também é veiculado pelas novas tecnologias, para os relacionamentos atuais, através de redes sociais que disponibilizam vinculações afetivas com característica de bem de consumo, e os indivíduos nelas envolvidos são vistos como objetos que podem ser descartados ao rolar do “feed” ou são alvos de consumo ao “dar match”. (SILVA e SILVA, 2019).

A tecnologia mediando as relações humanas

Atualmente, podemos perceber que os relacionamentos têm desfrutado de benefícios, embora,

ao mesmo tempo, sofrido consequências, devido ao avanço tecnológico. Diante das mudanças nas relações das pessoas com o consumo, alguns dos fatores limitantes das relações interpessoais na atualidade nos fazem refletir, tomando como questionamento a seguinte pergunta: qual é o sentido de vivermos em “casulos” (que podem ser nossas telas – do celular, do computador etc. – através das quais nos relacionamos hoje em dia com as pessoas) frente a esses vínculos que poderiam ser laços presentes e duradouros? (MOCELLIN, 2007)

De acordo com Bauman (2004,p.11), pode-se dizer que:

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial.

Podemos notar que tanto Mocellin (2007) quanto Bauman (2004) fazem referência a influência da tecnologia nas relações humanas, onde não se pode referenciar a ela uma negatividade ou uma positividade. Mocellin (2007) nos leva a refletir sobre esta “conexão” entre as pessoas, onde, ao invés de fazê-la ser por meio virtual, a mesma poderia ser feita por meio pessoal; por exemplo, os “vizinhos” atualmente quase não conversam mais pessoalmente e preferem fazê-lo por meio de aplicativos de conversa. E Bauman (2004) elucida que esta individualização das pessoas as levam a uma existência simultânea, e com a mesma intensidade, de dois sentimentos ou duas ideias com relação a uma mesma coisa e que se opõem mutuamente.

Na contemporaneidade, estamos mantendo vínculos descartáveis com a naturalidade que a mídia nos proporciona e, pela conseqüente individualização, muitos de nós acabamos adoecendo; sendo assim, se torna importante pensar neste tema tão atual para nossa reflexão como membros dessa sociedade (GLASENAPP; VOLPI, 2017).

Partindo deste ponto podemos refletir: de que maneira se dão as relações interpessoais na contemporaneidade, onde a tecnologia (principalmente da comunicação) se faz cada vez mais presente e indispensável? Para começarmos a entender esta questão, podemos nos apoiar em Bungenstab (2014), quando descreve que as mudanças sociais acontecem a todo instante nos afetando direta e indiretamente; é algo que “escorre das nossas mãos”, transcendendo a vontade de quem quer que seja; é líquido, inconstante, contínuo. O único ponto sólido de tais mudanças é que é impossível fugir ou ser neutro a elas, num tempo em que

a práxis e a uniformidade possuem uma ótica negativa e o que continha firme consistência passa a exaurir-se no ar.

No parecer de Lazzarotto e Carvalho (2012, p. 24), “afetar denuncia algo que está acontecendo e que nosso saber é mínimo neste acontecer”; ou seja, os tempos hodiernos trazem consigo várias possibilidades e facilidades – de comunicações, de relações e de serviços, incorporados nas instituições e na vida pessoal, o que colabora, para a agilidade e a eficácia das atividades e exigências capitalistas. Em contrapartida, as mudanças causadas pelo avanço da tecnologia ainda não conseguem ser geridas pelo indivíduo e, mesmo que este não deseje essas mudanças, são intrínsecas a ele. Tais mudanças vêm tornando os relacionamentos mecânicos e sistemáticos, mudando a forma de demonstrar a afetividade, que agora é majoritariamente virtual e sistematizada.

Por outro lado, os meios de comunicação ofertados por essa tecnologia – mais precisamente a internet –, também tem conseguido aproximar quem está longe, mantendo os vínculos mais duradouros, além de proporcionar novos tipos de relações através dos vários aplicativos criados para este fim. Esse tipo de relação está cada vez mais frequente na atualidade. (GLASENAPP; VOLPI, 2017)

Segundo Glasenapp e Volpi (2017) é possível argumentar que muitas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), lançadas a público com muita frequência, têm como objetivo fazer com que as pessoas permaneçam conectadas a maior parte do tempo. Tais tecnologias, que configuram maneiras novas de comunicação entre as pessoas e alteram significativamente o meio social, estabelecem um novo espaço de interação diferente do espaço físico, denominado ciberespaço.

No decorrer de uma vida agitada, estes meios de comunicação vencem com facilidade o convívio pessoal. Atualmente, os jovens, para promover encontros reais, utilizam dos recursos tecnológicos, podendo aumentar significativamente o número de encontros, tornando-os pouco importantes, curtos e irrelevantes, permitindo se desvincular facilmente de possíveis encontros indesejáveis sem que seja necessário aprofundar a relação (BAUMAN, 2011).

O ponto a se questionar neste contexto atual é que este meio de comunicação não deveria ser o único modo a ser utilizado na relação com o outro para expressar os nossos sentimentos. A liquidez que este tipo de relação também proporciona está deixando os vínculos cada vez mais frágeis e menos duradouros, e está tornando as relações mais fáceis e momentâneas (GLASENAPP; VOLPI, 2017). Os encontros pessoais têm parecido desperdício da oportunidade de fazer coisas tidas como muito mais estimulantes e, assim, abdicar de momentos raros e valiosos para estar fazendo algo para conhecer

pessoas, o que exige disponibilidade (BAUMAN, 2011).

Glazenapp e Volpi (2017) argumentam que a mídia – desde o surgimento dos jornais e aparelhos televisores, até as redes sociais de relacionamento – colaboram de forma positiva para que esses encontros aconteçam. Mas, ao mesmo tempo, torna o indivíduo distante, aprisiona-o em sua individualidade, quase que impedindo que busque novas maneiras de ser, de existir e de se relacionar. Embora permita ao sujeito vir a ser “n” possibilidades distintas, a fixação no padrão escolhido impede a autenticidade e a possibilidade de novas escolhas, além da aceitação de outros grupos e até de si próprio.

Um exemplo seria o modelo atual de corpo ideal, atlético, que é vendido pela mídia através das redes sociais e comprado pela massa da população, frustrando e/ou adoecendo aqueles que não conseguem atingi-lo, tanto por sensação de incapacidade, como pela lógica de pensamento criada de um tempo e espaço que é assumida como uma verdade, universal, necessária, única e imutável (SILVA; SILVA, 2019).

Para Bungenstab (2014), partindo da leitura dos trabalhos de Zygmunt Bauman, junto com o advento do tempo moderno, ocorreu o processo de metamorfose do que era sólido para o que é líquido; este, através dos meios de comunicação tecnológicos, procurou banir e dizimar qualquer forma cultural produzida até o momento, com a intenção de cultivar novas ideias e propostas, monitorando constantemente as ações de toda a população.

Nas interpretações tanto de Mocellim (2007), quanto de Glasenapp e Volpi (2017) e Silva e Silva (2019), o sujeito da contemporaneidade está sendo afetado, de todos os lados, diretamente pela tecnologia. Podemos observar que a mídia contribui bastante para a alienação, a manipulação e o monitoramento da população através de discursos persuasivos. Máquinas capitalistas produzem tanto um corpo ideal, como a necessidade de consumir o “produto da moda”, até a maneira que devemos nos relacionar uns com os outros. A via Mercadológica atualmente reduz o desejo sincero e produz no ser humano um consumo desenfreado, através de práticas e discursos que docilizam os corpos, enquadrando e recortando a complexidade da subjetivação. O eu (subjetivo) não é mais visto como autêntico – quando não quer o que todos desejam, se torna atípico, esquisito, estranho, fora do contexto.

Ainda sobre o mundo moderno, Mocellim (2007, p. 101) descreve que:

Para a grande maioria dos habitantes do líquido mundo moderno, atitudes como cuidar da coesão, apegar-se às regras, agir de acordo com precedentes e manter-se fiel à lógica da continuidade, em vez de flutuar na onda das oportunidades mutáveis e de curta duração, não constituem opções promissoras.

Para o indivíduo, o consumismo torna-se algo muito importante, dando-lhe a principal ferramenta para a construção da sua individualidade. Mas este desejo ao consumo é algo passageiro, e logo o indivíduo vai se tornando algo móvel. Conforme Mocellim (2007, p. 109) o indivíduo “se torna livre, mas essa liberdade é relativa na medida em que suas opções de construção da individualidade são limitadas (ou ilimitadas) pelo consumo”.

A autonomia das pessoas e a aceitação e compreensão das diferenças ainda não é promissora. Ainda está em curso, confrontando a todo o tempo inúmeras discriminações, rótulos, liquefazendo as relações. Os relacionamentos amorosos, para que sejam hoje em dia efetivados precisam ser aprovados em minuciosas avaliações. Afinal, como investir em um relacionamento sem expectativas de um futuro (SILVA e SILVA, 2019).

As consequências do consumo da tecnologia na atualidade

A via Mercadológica, atualmente, reduz o desejo sincero e produz no ser humano um consumo desenfreado, através de práticas e discursos que docilizam os corpos, enquadrando e recortando a complexidade da subjetivação. O eu (subjetivo) não é mais visto como autêntico, quando não quer o que todos desejam, se torna atípico, esquisito, estranho, fora do contexto (BAUMAN, 2011).

Silva e Silva (2019) afirmam que o capitalismo se fixou na lógica de existência da modernidade globalizada, transformando a maneira de agir da massa humana atual, que submetidos a ele ficam vulneráveis, assumindo o papel de bens de consumo, se tornando também suscetíveis de acumular capital e excluir aqueles que não se enquadram nestas condições.

A operacionalização dos relacionamentos ocasionado pela lógica da aquisição desenfreada de bens de consumo influencia a tal ponto, de acordo com Bauman (2004), que até mesmo os afetos mais profundos se modulam a esse sistema capitalista. Assim como os bens que são consumidos e rapidamente trocados de acordo com a moda, os relacionamentos também ficaram objetificados, mantidos como úteis enquanto suprem os desejos e descartados quando não satisfazem mais.

Bauman também enfatiza volatilidade da forma de consumo atual ao afirmar que:

Na torrente de bens que se adquirem depressa, se abandonam e jogam fora mais rápido ainda, dificilmente alguma coisa sobressai como “um bem caro ao coração” – e se o faz, não é por muito tempo. Importante é sempre guardar o estilo, não a parafernália de acessórios que o compõem; e esse estilo exige que os acessórios se sucedam uns aos outros em velocidade cada vez mais acelerada. (BAUMAN, 2011, p. 37)

Bauman (2011) ainda menciona que a moda tenciona modos de viver para que sempre estejam em perdurável transformação, visto que está amalgamada às características “universais” e “eternas” da maneira humana de existir. Desde os primórdios, a moda tem a missão de transformar incessantemente o modo de viver das pessoas.

Para Glasenapp e Volpi (2017), assim como o fechamento de contratos na via mercadológica garantem exclusividade, impossibilitando novas vinculações, atualmente os relacionamentos amorosos duráveis limitam outras possíveis relações. Devido a este novo ideal, os relacionamentos tornaram-se temporários, oportunizando o acesso a tantos outros que possam surgir pelo fato de estarem disponíveis.

Um dos veículos atualmente utilizados para este tipo de relacionamento são as redes sociais que se tornam verdadeiras vitrines para expor pessoas. Estas buscam adicionar qualidades, alegria e boa apresentação ao seu perfil para seduzir o consumidor, além de compartilhar postagens que as façam parecer notáveis e eficientes para o maior número de possíveis consumidores (GLASENAPP; VOLPI, 2017).

Como é possível perceber, há inclusive um cuidado para demonstrar o melhor lado para quem vai “arrematar a mercadoria”; afinal, quem vai aceitar levar para casa “algo com defeito”? É preciso sempre estar apresentável e não demonstrar os aspectos negativos; esses surgirão ao longo do tempo e com um aprofundamento da relação, se acontecer.

Redes sociais – realidade ou ilusão?

Atualmente, é bastante extensa a gama de redes sociais disponíveis; citamos apenas algumas das mais conhecidas (MAIORES e MELHORES, 2020):

- *Facebook*: com 2,27 bilhões de usuários, o que significa que cerca de 1 em cada 4 pessoas no mundo tem conta ativa;

- *YouTube*: com 1,9 bilhões de contas ativas, onde os usuários não necessitam possuir uma conta (perfil de usuário) para utilizarem esta plataforma;

- *WhatsApp*: com 1,5 bilhões de contas ativas, usado amplamente inclusive por empresas;

- *Facebook Messenger*: aplicativo de envio de mensagens, conta como uma rede social separada;

- *Instagram*: com 1 bilhão de usuários; para os amantes das selfies e das fotos do cotidiano;

- *Twitter*: com 326 milhões de usuários, rede social conhecida pelo uso de “#” (*hashtag*);

- *LinkedIn*: com 303 milhões de usuários, é a rede social de negócios mais famosa do mundo; funciona como uma plataforma de interação entre empresários, indústrias e profissionais de todas as áreas;

- *Skype*: com 300 milhões de usuários, permite

fazer chamadas de vídeo com apenas um clique; muito utilizado por empresas;

- *Snapchat*: com 287 milhões de usuários, tem como propósito principal enviar uma foto ou vídeo, por um curto período de tempo, que logo depois irá desaparecer.

De acordo com Brotto (2020), as pessoas podem desenvolver um vício em redes sociais devido ao seu uso excessivo, o que pode acarretar uma grande dependência. Do simples uso de um celular como despertador até o hábito ou vício de antes mesmo de “tomar café” já estar conectado a *web*, tais comportamentos podem influenciar os modos de relacionamento atual, onde o virtual é assumido como o novo real. O que mais se percebe neste mundo virtual é a necessidade das pessoas exporem suas vidas da melhor forma possível, tanto através de um “bom *click*”, que se torna essencial, muitas vezes, por dificuldade de se relacionar, quanto por querer apresentar uma boa imagem ou um padrão de vida perfeito ou, ainda, por uma disputa pessoal com os demais perfis.

Para termos uma dimensão de como uma rede social funciona, podemos utilizar como exemplo dois programas de TV, que refletem a atualidade da tecnologia, em meio ao uso indiscriminado das redes sociais: o Programa *Catfish* da MTV e o Programa *The Circle* do Canal *Netflix*.

O programa *Catfish* (CATFISH BRASIL, 2020) consiste em auxiliar “pessoas reais” (indivíduos que possuem uma página em rede social que representa ela mesma), que tenham relacionamentos com pessoas virtuais, a descobrir se os perfis com quem mantém algum laço de relacionamento são falsos (*fake*) ou verdadeiros; ou seja, para descobrir se alguém está fingindo ser o que não é, utilizando fotos de outras pessoas e/ou mentindo sobre as suas informações biográficas. É possível ver vários relatos de diferentes tipos de casos no programa, o que nos leva a pensar que relacionar-se virtualmente é perigoso, uma vez que não sabemos se as informações que estamos coletando são reais.

Já o programa *The Circle* (THE CIRCLE BRASIL, 2020) é um reality no qual os participantes, que disputam um prêmio de 300 mil reais, ficam isolados de tudo, cada um em um apartamento, e se comunicam através de um aplicativo (uma rede interna) ativado por comando de voz chamado *The Circle*, que funciona como uma rede social. Cada participante cria o seu perfil, do modo que quiser, podendo assumir outras identidades (como é habitual num perfil *fake*) e, até mesmo, omitir informações verdadeiras, como profissão, status de relacionamento etc., tudo para ser eleito o mais popular, o “*influencer*”, dado que este perfil influencia toda a rede. Percebe-se que o grupo tende a se aproximar mais da pessoa em destaque e o que se diz “entre quatro paredes” não condiz com o que se expõe na rede social.

Portanto, conforme observado pelos relatos nestas redes, assim como em outras, é a necessidade de haver um equilíbrio entre o que se vive na vida real e o que se pratica na vida virtual. Torna-se cada vez mais importante a vigília de nossas ações, quanto ao uso das redes sociais, as informações que expomos de nossas vidas, as coisas que compartilhamos e comentamos, a forma como interpretamos e nos relacionamos com os outros.

Considerações Finais

Observamos que as transformações sociais mudam as formas de pensamento, de existir no mundo, assim como modificam os relacionamentos humanos. Desde sempre a humanidade relacionou-se através de mediadores: por exemplo, na Idade Média o grande mediador era a fé, que foi sendo aos poucos substituída pelo conhecimento científico e Deus, que era transcendente a tudo e a todos, passou a ser visto de forma horizontal, chegando posteriormente ser afirmada a morte de Deus; já o *zeitgeist* moderno traz consigo o avanço da tecnologia, permeando o cotidiano das pessoas, o avanço do sistema capitalista e a centralidade do homem; todos esses fatores levaram as relações a terem um novo mediador, o capital.

A proposta capitalista para preencher as necessidades de permanência e de pertencimento das relações é o consumo, mesmo que isso aconteça de forma muito breve, já que logo o mercado lançará produtos mais modernos e o alvo que se deseja conquistar já será outro. Esta constante necessidade de ser preenchido pelo novo, por bens de consumo, se entranha em toda as outras relações: a moda, o conhecimento e até mesmo as relações afetivas.

Podemos perceber que grande parte da população, principalmente os jovens contemporâneos, estão se tornando mais tecnológicos e manipulando os aplicativos das redes sociais com a facilidade de quem já nasceu conectado; esta utilização vai a cada dia se tornando mais necessária para se adaptar às novas possibilidades que a tecnologia da comunicação proporciona, o que também faz com que os jovens tenham sempre mais facilidade e agilidade no manuseio das mesmas, adotando-as, assim, como os meios mais utilizados nas relações atuais.

Esse novo modo de se relacionar traz em si tanto benefícios quanto malefícios. Como benefício pode-se destacar a autonomia do sujeito, que tem a liberdade para escolher de forma autônoma como vai estabelecer todas as suas relações, sem precisar prender-se a padrões que antes eram pré-estabelecidos, como a carreira a seguir, a escolha de parceiros, o estilo de vida, o círculo de amizades etc. Por outro lado, como um malefício, pode-se argumentar que esta individualidade torna as relações cada vez mais frouxas, pois a não obrigatoriedade de

estar em um lugar ou de ter que permanecer o resto da vida com laços sociais antes estabelecidos, torna os vínculos solúveis, deixando em aberto lacunas emocionais inerentes a existência humana.

Se faz necessário, então, refletir sobre essas consequências, tendo em vista o que esse manejo em excesso pode causar nas relações pessoais. As redes de comunicação facilitam a aproximação de quem está longe, mas ao mesmo tempo afasta quem está próximo. Como exemplo, quando uma família que se senta à mesa para jantar todos juntos e cada membro está conectado através dos celulares com outras pessoas que não estão presentes.

Nos novos modelos de comunicação do século XXI ficou cada vez mais fácil encontrar parceiros amorosos e aumentar o leque de amizades, pois as redes sociais são como vitrines que expõe a imagem das pessoas e seus *hobbies*, e aproxima quem tem interesses comuns. Por outro lado, se algo nos incomodar nas atitudes ou comportamento de alguém não é mais preciso aceitar suas opiniões, nem tolerar pessoas que se tornaram indesejadas; com a destreza com que a tecnologia atual nos oferece podemos desfazer as amizades com nossos “amigos de rede” com apenas um *click*!

Esse tipo de relação traz facilidade por um lado, mas por outro dificulta que estes mesmos vínculos sejam estáveis e seguros, visto que sempre existe a possibilidade de ofertas de novas “mercadorias”, mais vantajosas e atraentes, o que gera uma ambiguidade: se por um lado procura-se vínculos que sejam seguros e estáveis, por outro não é desejável oferecer o mesmo, já que sempre poderá haver uma melhor oportunidade.

Outro fator a se levar em consideração é se sabemos de fato quem são as pessoas que conhecemos através dos aplicativos. Os perfis são feitos para atrair pessoas, e quem não se enquadra no perfil ideal pode manipulá-lo para se encaixar, utilizando desde pequenas informações falsas até os “*fake profiles*” (perfis falsos), ou acabar se afastando das pessoas com medo de não agrada-las, chegando por vezes ao adoecimento por não atingir este padrão “imaginário”. E quase ninguém apresenta problemas ou defeitos e somos levados a um mundo falso de perfeição, onde, se formos menos que isso, somos colocados de “escanteio”.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BRAGA, Priscilla. *O processo da hipermodernidade*. Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia da Pontifícia, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

BROTTO, Thaiana F. *Vício em redes sociais: até que ponto isso é prejudicial?* 2020. Disponível em: <https://www.psicologosberrini.com.br/psicologia-e-psicologo/vicio-em-redes-sociais>. Acesso em: 15 mar 2020.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. Zygmunt Bauman: da juventude sólida para a juventude líquida. *Cadernos Zygmunt Bauman*, v.4, n.8, p.205-217, 2014.

CATFISH BRASIL. Disponível em: <http://www.mtv.com.br/noticias/xmmwa7/descubra-o-significado-e-a-origem-da-palavra-catfish>. Acesso em: 25 mar 2020.

GLASENAPP, Cristian; VOLPI, Sandra Mara Dall’Igna. As relações amorosas virtuais vistas sob a ótica baumaniana e da Psicologia Corporal. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (org.) *Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais*, XXII, 2017. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2017.

LAZZAROTTO, Gislei Domingas Romanzine; CARVALHO, Juliana Dutra de. *Pesquisar a diferença: um abecedário*. Afetar. Agir. Porto Alegre/RS: Sulina 2012.

MAIORES E MELHORES. *As 20 maiores redes sociais do mundo*. 2020. Disponível em: <https://www.marcoresmelhores.com/marcores-redes-sociais-do-mundo>. Acesso em: 24 mar 2020.

MOCELLIM, Alan. Simmel e Bauman: modernidade e individualização. *Rev. Eletrônica dos pós-Graduados em Sociologia Política*, UFSC, Santa Catarina, v. 4, n. 1, p. 101-118, 2007.

SILVA, Anabella Pavão da; SILVA, Neide Aparecida Pavão da. *Tempos de mundialização do capital e relações humanas: rupturas e barbárie configurando a vida e as relações líquidas*. *Cadernos Zygmunt Bauman*, v.9, n.20, p.205-217, 2019.

THE CIRCLE BRASIL – O REALITY. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81044721>. Acesso em: 25 mar 2020.

VAZ, Henrique Cláudio Lima. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991.